

E aí, o Paulo, que era o nosso coordenador da engenharia, gentilmente sai dessa coordenação, a gente recebe o Sebastião, e o Paulo agora trabalha no nosso assessoramento, nesse programa que a gente chama de Governo Presente - bota lá no Governo Presente.

E a gente tem aí e está desafiando as secretarias municipais a construírem junto conosco esse processo de revitalização de alguns prédios históricos no interior do estado.

Então, a gente tem lá: Vassouras; Paty do Alferes, que a gente tem uma igreja histórica e uma construção de um polo cultural, e dentro desse polo cultural uma igreja histórica; em Vassouras, a gente tem uma antiga oficina, a gente tem sete chafarizes que são históricos, que a gente está trabalhando no restauro.

A gente tem uma notícia maravilhosa para dar que é o restauro da primeira ferrovia que fica às margens da Baía de Guanabara, no Município de Magé, que esse projeto já está bem avançado. Eu vou permitir que o Paulo dê um pouco do que é que a gente tem aqui nesse acordo com a Secretaria das Cidades, o que a gente tem de histórico aqui para que vocês fiquem antenados para ver o que a gente tá fazendo. E vou permitir, Paulo, você dar a grande notícia.

O SR. PAULO - Boa tarde a todos, é uma satisfação realmente vir de Brasília e, realmente, estar trabalhando pela cultura do Rio de Janeiro. Cheguei há dois anos, junto com essa gestão, então, poder contribuir com a cultura do Rio de Janeiro é uma satisfação enorme.

Sou engenheiro civil de formação e me foi confiada essa missão de pegar o Decreto, que é uma parceria da Secretaria das Cidades junto com os municípios e poder pegar os projetos que já estavam na gaveta prontos com orçamento, muitas das vezes tem projeto de 2014, e poder colocar na licitação e sair, realmente, a obra de restauro ou até mesmo de construção.

Então, nós estamos aqui no desafio com 13 municípios. Fica aqui também aberto que nós estamos disponíveis para poder estar ajudando novos municípios que estejam interessados também em participar desse programa do governo, chamado Governo Presente. Hoje, com esses três projetos, a gente soma em 26 milhões e o que mais chama atenção são os de restauro, que o colega colocou aqui em pauta, que os municípios estão trazendo, muitos deles aprovados por institutos municipais, tem Inepac, nós temos também o IPHAN, que é o federal.

Então, chama-se atenção aqui para Vassouras, que nós temos dois projetos importantes na cidade restauração. Nós temos, em Magé, que é a requalificação do Complexo Ferroviário, que é um, realmente projeto incrível que estava parado desde 2015. Então, o estamos agora, fazendo toda a adequação para poder contratar com o governo do estado.

Temos aqui em Cabo Frio, nós temos Tanguá, Cantagalo, Queimados, enfim, são 13 projetos que hoje temos a capacidade de estar ajudando o município. A gente consegue perceber aqui, Deputado, que a necessidade dos municípios em ter o apoio do governo, ter um apoio técnico. E aí, eu como técnico, o colega Sebastião também aqui como técnico, a gente sabe o tanto que a gestão pública ela carece disso e muitos projetos ficam engavetados por conta dessa paralisação técnica. Então, essa é a nossa missão de estar junto com os municípios, é um trabalho de pegar na mão mesmo e fazer junto com eles.

Nós temos uma grande novidade que é, foi também através desse decreto, mas nós não podemos aderir ao projeto estado com o estado, então nós fizemos um acordo de cooperação técnica junto com a Secretaria das Cidades para o restauro do Parque Lage. Então, dia 13 é a nossa data dia, 13 agora de abril, é a nossa data-base de entrega de todas as peças técnicas que estavam desatualizados desde 2017.

Então, nós trouxemos a preços reais, fizemos toda a preparação burocrática e dia 13 agora de abril é o nosso compromisso em estar lançando essa contratação. Vai entrar no processo legal, publicação Diário Oficial e tudo, mas a nossa expectativa de início de obra em agosto, setembro, um investimento de 25 milhões para o restauro do palacete.

É um projeto que ele é dividido em quatro fases e nós vamos dar prioridade na primeira fase e segunda fase, que é o restauro do palacete e climatização do ambiente.

A SRA. DANIELLE BARROS - Além disso, também a gente tem um projeto, uma lei de incentivo que é apoiado pela empresa Light, que é um projeto também que olha para o Vale do Café é o enterramento da fiação de energia do entorno daquela Praça, porque o patrimônio exige exatamente essa regularização da paisagem. A lei de incentivo ela permite projetos, no âmbito do restauro. Aí é um outro avanço que a gente precisa fazer.

A gente ainda tem muito poucas empresas que têm aderência à questão do patrimônio, mas a gente já tem também pela lei de incentivo a contratação do projeto de restauro do patrimônio histórico, que fica ali em Laranjeiras que abriga a sede do campo do Fluminense. Aquele é um prédio histórico. Eles também estão trabalhando um projeto não no restauro e, sim, no projeto apoio pela lei de incentivo. Então, são dois projetos que chegam à lei de incentivo exatamente com essa temática.

Nós temos também na lei de incentivo apresentado, mas não captado o projeto do Mirante, que fica na Cidade de Teresópolis. Então, esse projeto também está capitaneado pelo instituto. Foi até um companheiro nosso no conselho, Fernando Portela. Também é um projeto importante para a Cidade de Teresópolis. O Mirante é lindo. Está, realmente, precisando do processo de revitalização.

Quando o companheiro Marconi Andrade fala que o patrimônio pede socorro é verdade a gente sabe disso. A gente sabe que são inúmeros prédios importantíssimos...

O SR. PRESIDENTE (Eliomar Coelho) - Secretária, e o INEPAC dispõe de carros?

A SRA. DANIELLE BARROS - Não. O INEPAC utiliza os veículos de todo corpo técnico da Secretaria de Cultura. Eles passam por um processo de agendamento quando precisam fazer as vistorias. E precisa mesmo sabe, Marconi, por exemplo, a gente teve agora com essa situação das chuvas que fazer vistoria em todos os prédios tombados da Cidade de Petrópolis. E aí a gente conta muitas vezes que todos os prédios foram vistoriados. Todos. Não vistoriamos sozinhos: vistoriamos lá com a ajuda da EMOP, porque o nosso escritório técnico lá fica exatamente dentro desse espaço com a EMOP. Mas todos foram vistoriados.

Em algum momento a gente precisa fazer uma força-tarefa mesmo os nossos próprios servidores também que estão baseados aqui na Capital subirem. Então, essa despesa é justamente para garantir isso especialmente nesses momentos de tragédia. Graças a Deus, no caso da Cidade de Petrópolis, nós não tivemos nenhuma perda significativa do patrimônio, mas nós tivemos uma questão da enchente.

A gente precisava criar os laudos justamente para saber se perdemos ou não. Então, essas visitas técnicas são importantíssimas. Por isso que tem uma rubrica de uma despesa exatamente para isso. Mas no caso utilizam veículos e motoristas da própria Secretaria de Cultura, que cumpre o papel de atender à toda a casa. Aí, eles precisam, de fato, passar por uma situação de agendamento.

Cuidar do Parque Lage é um bom aceno, porque é um prédio do Estado que está, realmente, precisando desse restauro. A gente também vai cuidar dos nossos próprios: do MIS Praça XV, do MIS Lapa e da Casa França Brasil, que também são prédios do patrimônio.

Então, a Secretaria tem uma inclinação, tem um olhar específico para o patrimônio. A grande questão é que a gente tem um buraco fundo demais. E aí a gente vai fazendo mais como a gente tem um tempo de abandono e a gente não precisa mais fazer as obras, porque já não são mais preventivas, já não são mais corretivas. Não é um detalhe que precisa ser restaurado. A gente tem coisas que estão muito degradadas, então, o muito que a gente faz é pouco representativo para a situação que a gente tem de abandono do patrimônio histórico e cultural.

Finalizando, pontualmente essa questão, eu preciso dizer que a gente tem uma alegria muito grande no dia de hoje para além da lei Aldir. Hoje, é um dia emblemático para o patrimônio cultural do Estado do Rio de Janeiro porque a gente reabre, às 18h30 - o senhor é

meu convidado e todos vocês que estão aí - a Casa França Brasil, que durante um tempo cumpriu papel de casa de festa do Estado do Rio de Janeiro. O que é um absurdo. Nós cancelamos os contratos de casamento, quando nós chegamos, lá para serem realizados naquela casa. A gente falou: se não faremos exposição também não faremos casamento.

Nós trabalhamos na curadoria daquela casa identificando o que a gente quer ter ali dentro, ali não é lugar para qualquer coisa. Desde o final do ano de 2019, nós restabelecemos a programação da casa. Resolvemos abrir a casa com o guarda-corpo quebrado, com um banheiro que não estava satisfatório, aos nossos olhos, para o uso da população. Nós reabrimos a casa, a casa vem abrigando exposição, mas hoje a gente tem um guarda-corpo estabelecido, a gente tem um paisagismo da casa sendo restabelecido, uma empresa contratada para isso, uma empresa contratada para a reorganização das portas e do guarda-corpo. Temos o ar condicionado da casa, que todo mundo disse que não funciona, não vai funcionar, sendo que ontem a gente fez um teste. A iluminação da fachada foi recomposta. A gente hoje reabre com uma exposição de Van Gogh, que eu preciso dizer para vocês que está esgotada.

É a Casa França-Brasil, esse prédio imponente naquele corredor cultural, corredor de patrimônio, retomando sua real vocação. A gente, quando cuida do patrimônio, a gente cuida não só do restauro, do que está caindo, a gente cuida da vocação do patrimônio, e a gente não abre mão de cuidar da vocação. A gente cuidou da apresentação da casa, daquilo que precisava ser restaurado, mas a gente cuidou também da vocação da casa. E, hoje à noite, a gente faz também o anúncio da nossa diretora da casa, porque a casa também vai ter uma diretora que vai ajudar a cuidar disso, que vai ajudar que tem total gabarito para isso, currículo para isso, é uma doutora no assunto da arte. Então, tem muita coisa boa acontecendo também no patrimônio.

Agora, cuidar de patrimônio demanda tempo, demanda dedicação. Hoje, a gente tem um funcionário exclusivo para isso, que precisou abrir mão de um lugar, dividir isso. A gente liga para cidade todo dia, a gente aciona as cidades todo dia, a gente não conseguiria fazer sozinho. E a gente está começando a entregar aquilo que a gente acha que o Estado do Rio de Janeiro precisa viver de forma progressiva.

Quero, também, agradecer à Tatiana pelo estímulo na fala dela. É muito bacana a gente entender que as pessoas também viraram megafones da Secretaria de Cultura nas suas regiões. Muito bom ver que a Tatiana recebeu recurso, mas se preocupa com Rio das Flores, que a gente não teve instrução. A gente, Tatiana, só para você entender, nosso programa com a UERJ existe uma tendência a essa coisa do online e que a gente também precisa repudiar em alguns momentos. No nosso programa com a UERJ a gente teve uma reunião na quarta-feira passada com toda equipe que eu dizia exatamente isso: a gente otimiza recurso quando a gente não precisa ter um monte de gente para estar em vários lugares ao mesmo tempo. Entretanto, a gente precisa ter uma equipe de mediação naquele modelo de Telecurso 2º Grau, não sei quem lembra disso, que era exatamente isso, um professor dando aula para o Brasil inteiro, mas tinha uma tv, tinha uma sala, as pessoas, tinha um mediador daquele conteúdo que se passava através da tv e quando a gente nem falava de mundo online.

O que a gente propôs à universidade era esse acordo com o artesanato, e aí a gente tinha que começar por algum lugar, a gente começa pelo artesanato, é exatamente o modelo do telecurso 2º Grau: as Secretarias de Cultura se mobilizarem para ter lá uma tv e onde não tiver a gente vai arrumar um jeito de ter, uma tela de computador para tv. E a gente vai ter o que está chamando de extensionista do projeto, que é aquele mobilizador local que se o artesão quiser fazer na casa dele ele pode, mas se o artesão não souber fazer o login, se não souber entrar, se não souber botar no chat, tem alguém, que é o mediador, que vai fazer para ele. Então, nós já fechamos isso. Esse é o modelo que as Secretarias de Cultura vão experimentar a partir dessa experiência, mas que vai servir para a vida, vai servir para o edital, vai servir para as outras nossas ações. A gente só vai ter que se habituar a ele.

Tati, a gente está cuidando disso, a gente também tem preocupação com isso. É por isso que a gente tem na Secretaria de Cultura os totens, de quando a pessoa não consegue vai lá que a gente ajuda a fazer. A gente só não faz a inscrição para a pessoa. Mas, a gente orienta a pessoa como faz. Porque é uma responsabilidade muito grande depois: "Mas eu pedi para ele apertar o botão, não apertou", aquela coisa toda.

Para terminar, porque vai dar 14 horas, quero agradecer as palavras do William. Dizer que nós estamos, William, trabalhando exatamente essa é nossa função agora, olhar como nós vamos custear as despesas da conferência enquanto tem um grupo do conselho trabalhando exatamente na formatação da conferência. Então, a gente olha para o orçamento, para o recurso enquanto alguém olha para o modelo que vai se apresentar e uma hora a gente vai juntar tudo isso e vai dizer: podemos aqui, não podemos aqui, está fora da casinha aqui, está dentro da casinha ali, a gente vai ter que fazer o ajuste das nossas ações.

Então, a gente trabalha de um lado, o conselho trabalha do outro para a gente poder depois fazer os ajustes. E aí eu sei que vocês até dia 8/04 vocês estão construindo isso e a gente pretende até o final dessa semana também olhar o que a gente tem de disponibilidade orçamentária para a gente buscar fazer esse casamento perfeito.

E eu quero terminar dizendo, Osvaldo, suas palavras são assim, um bálsamo. Primeiro, que a gente sonhou muito com esse projeto que está apoiado lá pelo equipamento Oi, pela marca Oi, pelo equipamento Oi Futuro, a gente tem muito apreço por esse equipamento, ele é um equipamento muito especial para a Secretaria de Estado de Cultura e Esporte porque ele nos ajuda a cumprir parte da nossa missão.

Eu sei que o projeto está conseguindo atingir a sua finalidade. Você trouxe aqui, e a hora em que eu fui ao banheiro, a Luciane estava no banheiro. E aí eu falei, Luciane, o que ele traz é muito pertinente, a gente precisa olhar como a gente faz isso. Mas é um bálsamo sabermos que a gente patrocina alguma coisa e está dando resultado tão importante para o setor.

Museologia é uma outra área que precisa de visibilidade, é uma área que costuma ser muito invisibilizada no meio cultural. Então a gente tem buscado esse espaço de visibilidade, inclusive estimulando projetos nessa área. Então, conte conosco. Nós não estamos insensíveis à possibilidade de desdobramentos, pelo contrário, nós estamos muito sensíveis a essa possibilidade, inclusive de desdobramentos no próprio modelo de projeto incentivado. Então, para além dos recursos próprios, também os recursos de incentivo. Então, vamos olhar como a gente pode fazer isso. Eu sei que a Luciane está mergulhada no acompanhamento dessa ação. Então, a gente entender.

E, para finalizar, o David trouxe para mim uma contribuição dizendo que as pessoas gostariam de um anúncio de uma audiência com o fórum de pontos de cultura. E aí, David, a gente está indo para Brasília amanhã para alguns ajustes. A gente cumpriu tudo o que o Ministério pediu para a gente cumprir. Mas eles não nos devolveram a apreciação da entrega do nosso material. A ideia de a gente ir lá é apertar isso. Precisamos que vocês analisem, porque a gente conseguiu a dilatação de prazo e que naquele momento parecia ser um prazo conveniente porque até 31/12/2022, mas que já está ficando apertado, porque a hora em que ele não se diligência a estabelecer um prazo para me devolver a resposta, complica a minha situação. Então, a gente está indo para lá.

O Ministério também sofreu mudanças, mudanças que é um baque para a gente. A gente tinha um bom diálogo com o Secretário Aldo, a quem a gente até convidou para estar conosco aqui no Rio para trabalhar conosco aqui, a gente entende que a vinda dele nos ajudaria bastante, mas eu acho que ele está numa vibe um pouco diferente. Deve estar pensando também em outras coisas, mas a gente convidou. Mas, a gente vai lá cobrar exatamente uma resposta do material que a gente entregou porque nós estamos exatamente reféns dessa avaliação. Então, acho que é muito conveniente a gente pri-

meiro fazer essa ida a Brasília para a gente já chamar o Fórum com alguma relação mais propositiva com relação ao convênio.

No mais, gente, eu quero agradecer ao presidente...

O SR. PRESIDENTE (Eliomar Coelho) - Espere aí, Sra. Secretária, está faltando só a questão que foi levantada pelo Deputado Luiz Paulo, quanto ao concurso exatamente para suprir a necessidade de existir mão de obra qualificada e que se faz necessária para os trabalhos realmente serem realizados da melhor maneira possível.

A SRA. DANIELLE BARROS - Sim. Esse foi o tema da nossa última reunião. Queria que colocasse aí Teatro Municipal, porque a gente também não chegou lá. Nós precisamos de um seminário de audiência pública. Mas, no final do ano, nós tivemos uma troca de presidente no Teatro Municipal. Essa troca se deu por uma necessidade de melhoramento das nossas ações ligadas àquele patrimônio público cultural.

A nossa presidente Clara, quando chegou lá, teve que encarar o desafio de olhar para muitos projetos que estavam paralisados e colocar para rodar projetos que são importantes para o teatro. E, aí, a gente precisa celebrar também nessa audiência pública a contratação de uma empresa para fazer o reparo do sistema de ar-condicionado da nossa casa principal. A gente já tem hoje uma empresa contratada para isso.

Nós estávamos sem elevador no teatro, a gente já restaurou o contrato de manutenção, porque nós, em algum momento, falamos: "ninguém vai usar o elevador se a gente não tem contrato de manutenção". Porque, se a pessoa ficasse presa lá, como é que a pessoa seria retirada de dentro daquele elevador, de dentro daquele equipamento? Então, nós restabelecemos o contrato de elevador na casa. Fizemos agora uma contratação de uma empresa para recuperar o ar-condicionado da sala de espetáculo.

Isso tudo, gente, depois da chegada da presidente Clara. Nós contratamos uma empresa para limpeza dos dutos, dentro de todo o equipamento cultural. Nós desapropriamos, o Estado pagou o processo de desapropriação do prédio, 12 milhões de reais, porque aquele prédio era um prédio que a gente ocupava, mas ele era um prédio da PRECE, ligada à Cedae. Então, nós desapropriamos, o Estado desapropriou, com 12 milhões de reais, aquele prédio.

Nós, nesse momento, estamos na fase de contratação de uma nova tapeçaria para o Teatro Municipal. Nós já temos a empresa ganhadora da tapeçaria, a gente só está esperando que ela se habilite, apresente a documentação. Nós estamos, nesse momento, colocando em curso a licitação, está saindo da pesquisa de preço, da cortina do Teatro Municipal, da vestimenta cênica do Teatro Municipal. E nós estamos vencendo com o órgão de controle, o patrimônio do Iphan, nós estamos vencendo também o desafio da construção do termo de referência para a troca de todo o estofado do Teatro Municipal. Porque tudo era vermelho, mas ficou rosa, por parte do tempo, e a gente quer entregar esse teatro, essa joia da nossa coroa, brilhando, reluzindo, bem novinha.

Então, o desafio é gigantesco. Ainda tem outras coisas. Por exemplo, a gente agora faz um contrato de recuperação do ar-condicionado, mas a gente agora vai ter que migrar para um contrato de manutenção periódica desse ar-condicionado. Então, a gente ainda tem os outros desafios na casa, mas a gente também precisa dizer que essa casa volta a ser a casa do povo.

A gente fez um edital de ocupação da Casa Mário Tavares e me perdoem se eu errar no número, mas eu acho que são 42 projetos habilitados a ocupar uma casa que não era ocupada pela arte fluminense. Então, as pessoas estão ocupando aquela casa agora. Para além disso, nós tivemos um outro edital de 3 milhões, que a gente fomenta atividades no Teatro Municipal, que é o Teatro Municipal em Cena, levando as companhias para dentro do Teatro Municipal, apoiados com recurso público.

Se você passar toda quarta-feira pelo boulevard do teatro, você vai ouvir e ver expressões da música, da dança, do coro, ali acontecendo no nosso Boulevard Olímpico. Porque a gente está cumprindo fielmente aquela comissão de que a arte também deve ir ao encontro do povo. Então, se as pessoas ainda não se sentem atraídas para dentro daquela sala, porque tem gente que ainda não vai porque pensa que não tem roupa para ir ou pensa que é muito caro, a gente está tirando também, tirando daquele Castelo, a arte daquele Castelo e levando aquela arte para a rua e dizendo para as pessoas: "Você é parte", "você faz parte disso".

E tem sido lindo esse movimento! Que é um movimento que não se dá só pelo boulevard ou pela ocupação da Sala Mário Tavares, com 42 projetos contemplados, mas também é uma democratização que se dá a partir também das próprias visitas guiadas.

A gente, hoje, recebe muitas companhias de dança e as nossas menininhas saem de lá, vão vestidas de bailarinas e ficam emocionadas de pisar pela primeira vez no palco do Teatro Municipal, porque sempre nutriram esse sonho, mas esse sonho estava muito distante e, a partir do processo do Passaporte Cultural - a gente não falou disso, a gente tinha que falar disso -, mas, a partir do nosso Passaporte Cultural a gente tem levado; a gente não tem aberto a porta do teatro, não. É diferente abrir a porta de um equipamento cultural de levar as pessoas para dentro do equipamento cultural.

A gente pega esses meninos em Conservatória; a gente pega esses meninos em São Gonçalo; a gente pega esses meninos nas cidades do Estado do Rio de Janeiro, em Barra do Pirai - você gosta quando eu falo Varre-Sai, falo Varre-Sai, Carreabus. Porque Varre-Sai está lá na pontinha. A gente pega esses meninos e a gente traz esses meninos, porque no nosso programa Passaporte Cultural a gente tem as vans para isso, e a gente já vem contando para esses meninos a história do que eles vão ver.

Então, é muito bacana isso e a gente tem conseguido exatamente transformar esse equipamento. Porque é um equipamento, eu chamo de Teatro Municipal Estadual do Rio de Janeiro, a gente traz as pessoas exatamente para dentro daquele espaço.

Então, assim, tem sido muito importante isso. A gente tem uma deficiência, que é a deficiência... a presidente Clara, quando chegou no teatro, ela colocou pra frente um projeto que estava estagnado, de pedido de concurso público, naquele momento em que o Estado estava reprogramando, estava prestando conta para ser novamente aprovado no processo de recuperação fiscal, que é um projeto importante para o Estado do Rio de Janeiro. E, infelizmente, o nosso concurso público não entrou na base daqueles concursos que foram permitidos.

Isso nos trouxe uma certa estranheza. Naquele momento, a Secretaria de Fazenda também mudava de secretário; a gente tinha um novo secretário. E o que a gente vem buscando com o governo do estado é uma contratação - e a gente já tem o processo instruído para isso, que já foi encaminhado para a Seplag e que também agora tem uma substituição de secretário -, mas a gente tem um projeto, um processo já instruído, na Seplag, onde estamos aguardando orçamento, não é exatamente financeiro, orçamento para a contratação direta, um processo de contratação desses artistas para suprirem exatamente a nossa carência. Com o compromisso do Governo do Estado do Rio de Janeiro de, numa próxima, daqui dois anos, agora um ano e meio, quando o Estado vai ter que repactuar o regime, então, a gente possa fazer um efetivo concurso público para artistas.

Então, nesse momento o que a Secretaria de Cultura junto com a Fundação Teatro Municipal tem pleiteado é uma contratação e artistas para suprir a carência do que gente tem de corpos artísticos no Teatro Municipal. Com o número de servidores que temos, a gente não consegue entregar à população do Estado do Rio de Janeiro o espetáculo que nós gostaríamos de entregar.

Para além disso, a gente tem problemas ligados à lei Rouanet, que é um problema que as pessoas também sabem, e quanto mais a gente tem dificuldade de aprovação também dos nossos projetos, ligados ao Teatro Municipal na lei federal, mais deficiência a gente tem na entrega desses espetáculos.

O processo aberto na Seplag, aguardando orçamento para a contratação desse efetivo para suprir a nossa carência.

O SR. PRESIDENTE (Eliomar Coelho) - Secretária, queremos agradecer imensamente a sua participação aqui, que eu acho que foi muito importante; agradecer a presença de todos e não só a presença de todos e de todas, mas também as contribuições que foram importantíssimas, colocadas com muita propriedade, muito conhecimento de causa e esperamos, vamos ver. É assim que a gente anda, não é na base da resistência.

Eu sempre falo, eu não gosto dessa palavra. Resistência significa uma coisa estática, parada, na defensiva. A gente tem que ir para o enfrentamento e é isso que está sendo necessário para a nossa sociedade civil, ir para o enfrentamento. Se não for dessa maneira, a gente não vai conseguir alcançar as mudanças que são exigidas pela sociedade e nessas mudanças a contemplação colocando no devido patamar de excelência a política pública da cultura.

Quero agradecer imensamente a todos os seguidores da Alerj que participaram da feitura de realização desta reunião e dizer, pela importância do assunto tratado, solicito, quero solicitar a gravação do som do vídeo e as notas taquigráficas desta audiência pública. Desde já um abraço para todos.

***(Replicado por haver saído com incorreções.)**